

Depoimentos – Eles com a Palavra¹

Maria Fernanda Mileski de PAULA²
Matheus Piovesana do NASCIMENTO³
José Carlos FERNANDES⁴
Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR

RESUMO

O “depoimento” figura entre os textos que gravitam em torno das matérias principais; e na antessala do jornalismo literário, no qual é parte e etapa dos processos. Como ocorre com outros gêneros, o “depoimento” entra em evidência, depois volta ao plano secundário, num movimento dado pelas culturas editoriais em evidência. Nesse sentido, os anos 2000 têm sido pródigos com os “depoimentos”. Numa espécie de *revival* à publicação que privilegiou o gênero – a *Realidade* – os textos na primeira pessoa, mediados pelo repórter, ganharam presença ocasional na revista *Piauí*, incisiva no jornal *Folha de S. Paulo* e frequente em uma fase da revista *Sou mais eu*, da Editora Abril. Paralelo a essa tendência, o “depoimento” exige dos estudantes de jornalismo e jornalistas o exercício de competências fundamentais no campo da percepção, recepção e edição, o que faz deles coautores, como mostra esse trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: depoimentos; gêneros jornalísticos; jornalismo literário; jornalismo de interesse humano.

1 INTRODUÇÃO

No expediente tradicional dos estudos de jornalismo, o gênero “depoimento” aparece na sua forma mais elementar. Tende a ser entendido como uma etapa preliminar da entrevista. Ou como um “desvio de rota” da apuração: no momento em que o roteiro de perguntas era feito, a fonte se permitiu divagar e ultrapassou a pauta, colocando-se de forma mais incisiva e pessoal. Outro lugar comum em se tratando do depoimento é o entendê-lo como um texto paralelo – acompanha matérias de saúde (“como venci uma doença”); comportamento (“como criei coragem e venci a violência doméstica”); tragédias (“vi meus filhos morrerem na decolagem do avião da TAM”), entre outras possibilidades.

¹ Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na Categoria Jornalismo, modalidade JO13 Produção em jornalismo literário.

² Aluna líder do grupo e estudante do 3º. Semestre do Curso Comunicação Social-Jornalismo UFPR, email: depaula.mariafernanda180@gmail.com.

³ Estudante do 3º. Semestre do Curso Comunicação Social-Jornalismo UFPR, email: mpiovessana@gmail.com.

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso Comunicação Social-Jornalismo UFPR, email: josecarlosfernandes@terra.com.br.

Em todas essas situações, o “depoimento” ou é diluído no texto – a exemplo da matéria convencional de jornalismo, na qual as falas das fontes são entrecruzadas – ou não tem vida própria. Ou seja, essa fala pessoal e incisiva só vai ser entendida pelo leitor se estiver relacionado a um “abre”, no jargão expressão usada para a matéria principal (MELO. LAURINDO. ASSIS, 2012).

Mas há pontos de fuga, nos quais o depoimento figura com independência estilística, semântica e editorial. O depoimento tende a ganhar espaço, notoriedade e autonomia tanto mais forte for o seu conteúdo. Ou quando, à revelia de sua fórmula excessivamente particular, se impõe por provocar “impacto” social, justo o que se espera de qualquer notícia. Por fim, o depoimento tende a deixar de ser um mero elemento diluído ou parafraseado pelo jornalista todas as vezes em que o redator identificar a força da história e decidir não tirá-la da voz de quem a contou, dando-lhe existência própria (MARTINEZ, 2008).

Essas situações, no entanto, não impedem que o depoimento permaneça um gênero circunstancial, ocasional, o que dificulta pensá-lo como categoria, com características próprias e com um lugar específico dentro do *corpus* jornalístico. Ainda que admiráveis, poucos editores os consideram estritamente necessários (LIMA, 2004). Resta entender por que em determinados momentos essa regra vira exceção. Pode-se afirmar, com relativa folga, que, nos anos 2000, o uso da voz da fonte, mediada pelo jornalista, tende a sair do segundo plano, impondo-se, se não como gênero principal – o que seria impensável – mas pelo menos como uma variante expressiva do que se convencionou chamar de jornalismo literário.

As “razões” dessa renascença do depoimento – pode-se arriscar – têm a ver com três movimentos que incidiram sobre o jornalismo a partir de meados da década de 1990, quando a internet fez soar o alerta. Instalava-se nos expedientes da imprensa a maior mudança de paradigma pós-Gutenberg, obrigando os editores e jornalistas a reverem suas hierarquias – as de notícias e, por consequência, as de texto (JENKINS, 2009).

O primeiro movimento diz respeito à crença – ainda em discussão – de que o jornalismo em profundidade, entre eles o literário, poderia salvar a imprensa da ditadura da audiência, movida a *faith divers*, informações sobre celebridades, polaroides e instantâneos com baixa apuração e pouca qualidade de informação. Ao deixarem de ter a primazia da notícia, os jornais – suporte em que o depoimento encontra guarida – revalorizaram elementos textuais atraentes, como os perfis, por exemplo, comumente deixados para os

cadernos de variedades ou vistos como “coisa de revista”. Chegar ao leitor depois da internet obrigou a imprensa escrita a buscar maneiras de chegar melhor, o que justifica, em parte, a revalorização de certos gêneros (VILAS BOAS, 2014).

Um segundo movimento tem a ver com o próprio século 21, marcado pela chamada “guinada subjetiva” (SARLO, 2007). Num mundo de complexidade – a sociedade líquida – ganhou grande impulso recorrer ao palpável, que brota da experiência das pessoas comuns. Se nas artes e na literatura em geral, autores cada vez mais falam de sua história e de seu corpo, no jornalismo as fontes passaram a falar de si, entendendo-se como um ponto de partida para compreender – ou tentar entender – o mundo.

Num terceiro movimento, é preciso lembrar que os desafios impostos ao jornalismo e os impasses gerais da sociedade se refletiram na maneira de se comunicar. A notícia objetiva, isenta e imparcial continua sendo um ideal, mas o leitor não parece mais tão simples e passivo, como nos tempos das cartas e emails enviados às redações. A internet trouxe uma percepção aguda e confusa do público, o que incide sobre o jornalista.

Escrever para jornais e revistas, nesse cenário, exige destrezas e saberes, assim como um conjunto de recursos estilísticos. Um gênero como o depoimento emerge como alternativa para equacionar tantas novas necessidades do público. Embora seja cedo para afirmar, é possível que se firme como um gênero desses anos difíceis. Em meio a um mundo que grita nas redes sociais, emerge a voz de um depoente, iniciando um ponto de partida.

2 OBJETIVO

- Desenvolver a capacidade de ouvir longas histórias e editá-las, de modo a lhes dar legibilidade e contundência.
- Exercitar a arte e a técnica da edição de longos depoimentos, de modo a perceber as peculiaridades desse gênero.
- Perceber o momento da imprensa escrita em que o gênero depoimento ganha fôlego e quais os motivos dessa retomada.
- Afirmar a importância que gêneros ditos menores ganharam na imprensa pós-internet.

3 JUSTIFICATIVA

É possível dizer que a revista *Realidade* inaugurou o gênero depoimento na imprensa brasileira (MARÃO. RIBEIRO, 2010). Não se trata de uma afirmação absoluta. O

senão se dá por um casuísmo. Nos anos 1910, João do Rio, tal qual Baudelaire na França e outros autores jornalistas – impulsionados pelas mudanças urbanísticas iniciadas na segunda metade do século 19 – falava dos anônimos das cidades. Seu método era de recolher o depoimento e contar a história, observando-lhe a fala do entrevistado e a cena em que transitava (RIO, 2008).

Seriam essas matérias de personagem um rudimento do que haveria de se tornar, depois, o depoimento. Não se trata da única nuance. A imprensa nacional e internacional da primeira metade do século guarda inúmeros exemplos do, digamos, depoimento diluído, parafraseado e tratado com a mão firme, quando não pesada, do jornalista. A peculiaridade dos anos 1960-1970 – e aqui emerge o exemplo da revista *Realidade* – é que se buscava a afirmação linguística dos entrevistados. Não bastava ouvi-lo e relatar o que disse, era preciso captar sua voz como expressão de um lugar social e político.

Uma das páginas mais marcantes dessa mentalidade é a reportagem (“depoimento”) “Eu sou João, homem sem leitura”, assinada na *Realidade* de setembro de 1970 pelo jornalista José Hamilton Ribeiro. Antes mesmo do debate sobre inclusão e preconceito linguístico – que tantas paixões despertou na última década – Ribeiro reproduz todos os “modos de dizer” de João de Souza, seu personagem analfabeto. Sua ousadia coroava o esforço da revista em manter, edição ou outra, a seção “Gente”, com personagens anônimos do Brasil profundo (MARÃO. RIBEIRO, 2010).

Não há um levantamento sobre experiências similares pós-*Realidade*, em especial nas publicações que beberam na sua fonte – *República*, *Caros Amigos* e, agora, a *Piauí* –, tampouco nas chamadas revistas femininas, que se utilizam do gênero. Mas, se tem indícios fortes que dali em diante se instalou a possibilidade de recorrer ao depoimento como um recurso editorial e de linguagem, capaz de resgatar a notícia da mera esfera de produção industrial, dando-lhe a perenidade dos chamados “testos para guardar”.

Em busca de marcos para o gênero depoimento, pode-se – a título de mapeamento – considerar mais duas possibilidades. O *new journalism* – proposta marcadamente do final dos anos 1950 e 1960 – seguiu pelas décadas conquistando adeptos (WEINGARTEN, 2010). No Brasil, inclusive, na esteira de revistas como *SR*. e a própria *Realidade*. A partir de *Aracelli, meu amor*, de José Louzeiro, em 1976, o mercado editorial do país não deixou de publicar livros-reportagem escritos a partir dos princípios do jornalismo literário (LOUZEIRO, 2012). A fusão dos dois gêneros é, inclusive, uma categoria no mais

importante prêmio literário do país, o Jaboti, oferecido pela Câmara Brasileira do Livro e Sindicato Nacional dos Editores de Livros.

O que se quer dizer é que nos 50 anos em que o *new journalism* fez escola no Brasil, a imprensa se deparou com a produção de depoimentos, por serem parte do que se entende por jornalismo literário e grande reportagem (VILAS BOAS, 2008). Se não fez escola, como se pode dizer dos perfis – um gênero apreciado pelos leitores brasileiros –, não se pode dizer que não tenha sido praticado. E sendo praticado, foi pensado, de modo que há uma massa crítica em torno desse gênero.

Uma segunda possibilidade é o reconhecimento da jornalista Eliane Brum. Em seu trabalho no jornal *Zero Hora*, na revista *Época*, e agora no jornal *El País* – para citar três veículos que publicaram seu trabalho – Brum reafirma sua mística em torno do depoimento (BRUM, 2014). A autora de *A vida que ninguém vê* fala do esvaziar-se para ouvir, as longas jornadas de audição, do sair transformado pela fala do outro. É possível encontrar várias associações entre a fala da jornalista e os preceitos da história oral, que é mãe do gênero depoimento.

A história oral tem raízes na década de 1940, nos Estados Unidos. Sofreu achques dos historiadores, inclusive por ser uma técnica jornalística, mas se firmou mais e mais à medida que a sociedade se sensibilizou com os grupos minoritários ou segregados – negros, mulheres, velhos (LEJEUNE, 2014). A confirmação de que ouvir depoimentos e relatá-los, tornando audível a voz dos anônimos – se deu em 2015, quando a bielorrussa Svetlana Alexievich, autora de *Voices de Chernobyl*, ganhou o Nobel de Literatura. Ela é, sobretudo, uma Eliane Brum que ouve depoimentos.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

No segundo semestre de 2015, os alunos da disciplina Redação Jornalística 1, ministrada pelo professor José Carlos Fernandes, foram apresentados ao gênero depoimento, sua tradição e técnicas. Além de exemplos na imprensa – em especial os publicados na *Folha de S. Paulo*, a partir de uma reforma gráfica e editorial em 2008 – foram exibidos documentários, por se avizinham dessa modalidade. Entre as projeções, *Edifício Master*, de Eduardo Coutinho, e *Santiago*, de João Moreira Salles. Paralelo, leu-se *Meus desacontecimentos*, de Eliane Brum, trabalho que calçou parte da empreitada.

Cada estudante de Jornalismo se lançou no desafio de encontrar um anônimo, identificar suas histórias, recolhê-la e editá-la. As orientações comuns foram:

- a) **Formato:** Máximo de 4 mil caracteres, mais resumo em forma de correlata, de até 800 toques, além de título, gravata e crédito. O depoimento, aqui, pressupõe uma história longa – que não se confunde com a ligeireza da enquete. O tempo médio de gravação da conversa foi previsto em uma hora.
- b) **Objetivo:** Captar a “narrativa” do outro. Perceber quais as estratégias que as pessoas usam para contar suas próprias histórias [cronologias, memórias, diálogos, humor, emoção...] (VILAS BOAS, 2014). Observar a “voz”, o “modo de dizer”, a “coloquialidade” – elementos que, em outro formato – o de matéria – aquecem o texto e colocam na altura da conversa comum. Proposta era licenciar do texto padrão e transitar para o coloquial.
- c) **Tarefa:** Identificar um personagem que tenha uma história de vida com potencial para “segurar” uma narrativa média ou longa. As perguntas do entrevistador não devem aparecer na edição, embora existam no processo. A fala deve ser editada, de modo a destacar o discurso central, com concessões para os assuntos paralelos que ajudem a entender o assunto principal.
- d) **Mapa:** No final da edição, acrescentou-se o “MAPA” da conversa – ou seja, um esquema, breve, explicitando o percurso mental do entrevistado ou as palavras chave para entender esse discurso. O objetivo do mapa é perceber a estrutura do discurso; estabelecer conexões entre os assuntos, nem sempre claras para o entrevistado, mas que cabe ao entrevistador perceber.
- e) **Dicas: Observações**
1. O medo da rejeição do entrevistado é um fato – deve-se de aprender a lidar com isso. Ao mesmo tempo que recebemos “não”, recebemos “sim”. Há estratégias simples como perguntar aos conhecidos sobre pessoas e histórias; lembrar histórias que ouvimos e procurar seus protagonistas. É importante se arriscar, aproximando-se de pessoas, acreditando que todo mundo tem algo de interessante a contar (BRUM, 2006).
 2. A aproximação é uma etapa importante. Uma vez marcada a conversa ou feita a abordagem, é fundamental deixar bem claro para o entrevistado do que se trata, como será editado, qual o objetivo. É um direito. O espectro do jornalismo é tão extenso quanto a vida. Exercitou-se soluções **para um gênero em específico**, o depoimento, que se enquadra no que costuma ser chamado de “matérias humanas”. O termo é controverso – supõe que haveria algo “desumano” –, mas é consensual.

3. Por ser uma matéria de interesse humano, a fala, as nuances da história, os aspectos menos noticiosos ganham importância. Esse repertório é menos relevante numa matéria de denúncia, por exemplo, ou no *hard news*. O depoimento, por isso, é um gênero de base, uma vez que ele aparece, em diferentes escalas, em todos os outros.
4. Recomendou-se que, nesse caso, a fala fosse gravada. Depoimentos, perfis, pingue-pongue são gêneros que pedem mais do que a anotação da informação, pois se aproximam da conversa, da experiência, dos registros culturais do entrevistado.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

A experiência de recolher depoimentos de anônimos resultou numa coletânea de 26 histórias – um livro à espera de edição. Nos capítulos, vítimas de homofobia, uma escritora lésbica em desabafo amoroso; um idoso que toca instrumentos de percussão nas esquinas de Curitiba; um atleta cadeirante; o homem que lutou a vida toda para comprar uma casa e a mulher que foi vítima de violência doméstica; a filha que perdoa o pai alcoolista; a babá que vive para ajudar a família; a jovem que vende limões nas ruas de São Paulo; a saga de uma refugiada iraniana; vítimas de *bullying*; uma drag queen; a conselheira tutelar que foi vítima de abuso na infância; o jovem que narra a morte da mãe.

Para o certame do Intercom foram escolhidas quinze das histórias, de modo a oferecer um panorama da experiência. Alguns estudantes de jornalismo publicaram suas histórias em redes sociais e em veículos alternativos. Foram orientados a deixar com que os depoimentos interferissem na rotina das redes sociais, de forma poética, provocando uma pausa para ler a história do outro. Os resultados – verossimilhanças, por exemplo – foram relatadas em sala de aula, durante o semestre.

6 CONSIDERAÇÕES

Recolher depoimentos – editando e publicando-os ou não – faz parte do imaginário do ofício jornalístico. É tarefa dos homens e mulheres de imprensa ouvir histórias e, para boa parte dos depoentes, é como se esperassem por essa figura, que está ali para recolher o que eles e elas viveram, consolidando essa narrativa numa história (HELLER, 2014). O dever e o prazer de ouvir foi um dos saldos dessa experiência. Some-se a ele o diálogo com uma tradição do jornalismo. E a certeza de que na base de um texto jornalístico de qualidade está a capacidade de perceber a voz do outro. Por fim, o exercício do depoimento

vem para confirmar um dos jargões do jornalismo, propagado há mais de um século, desde a alvorada das cidades modernas e seu aluvião de personagens incríveis: todo mundo tem uma história para contar e está à espera de quem as possa ouvi-las (LEJEUNE, 2014).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRUM, Eliane. **Meus desacontecimentos**: a história da minha vida com as palavras. São Paulo: Leya, 2014.

BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago, 2006.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Trad. Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. 10.^a Ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2014.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. Trad. Suzana Alexandria. 2.^a Ed. São Paulo: Aleph, 2009.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à internet. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. 2.^a Ed. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 2.^a Ed. Barueri (SP): Manole, 2014.

LOUZEIRO, José. **Aracelli, meu amor**. São Paulo: Prumo, 2012.

MARÃO, José Carlos. RIBEIRO, José Hamílton. **Realidade re-vista**. Santos (SP): Realejo Edições, 2010.

MARTINEZ, Monica. **Jornada do herói**: a estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em jornalismo. São Paulo: Annablume, 2008.

MELO, José Marques. LAURINDO, Roseméri. ASSIS, Francisco de (orgs.). **Gêneros jornalísticos**: teoria e práxis. Blumenau (SC): Edifurb, 2012.

RIO, João do. **A alma encantadora das ruas**: crônicas. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. Trad. Rosa Freire d'Aguar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

VILAS BOAS, Sergio. **Biografismo**: reflexões sobre as escritas de vida. São Paulo: Ed. Unesp, 2008.

VILAS BOAS, Sergio. **Perfis**: o mundo dos outros, 22 personagens e um ensaio. 3.^a edição rev. e ampl. Barueri (SP): Manole, 2014.

WEINGARTEN, Marc. **A turma que não escrevia direito:** Wolfe, Thompson, Didion e a revolução do novo jornalismo. Trad. Bruno Casotti. Rio de Janeiro: Record, 2010.